Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE002068

NA solidão do Rio, óperas para o Imperador: fase das óperas. Correio Popular, Campinas, 13 jul. 1986.

FASE DAS ÓPERAS

Na solidão do Rio, óperas para o Imperador

Algumas pessoas que não conhecem a vida de Antonio Carlos Gomes podem pensar que a impulsiva saída dele de Campinas e da casa paterna pode ter estremecido suas relações com o genitor. Nada disso, entretanto, aconteceu. Mal chegando no Rio de Janeiro, antes mesmo de cuidar da hospedagem, o moço dirigiu uma longa e sincera carta ao sr. Manuel, expondo as razões do seu ato, reconhecendo que do ponto de vista do respeito filial devido, o mesmo era execrável. Mas escreveu com tanta paixão, com tal sinceridade de propósito, manifestando tanta esperança de êxito, que acabou por convencer o velho.

Os primeiros dias na Capital do Império, embora de grandes novidades para Tonico, foram também de uma grande e torturante expectativa. Embora não acreditasse que o pai viesse a lhe perdoar, nutria uma secreta esperança por algumas linhas de resposta, revelando pelo menos compreensão por seu gesto. Vivia à espera de uma carta que parecia que nunca iria chegar, tamanha era a sua demora. Isso para ele. Afinal, naqueles tempos, a distância entre Campinas e o Rio de Janeiro era considerável, e levava às vezes dias para ser percorrida, se levarmos em conta os meios de transporte então existentes. Mas o genitor, embora turrão, amava, evidentemente, o filho. E com exatos 10 dias de permanência na Capital Imperial, Carlos Gomes recebeu, finalmente, em 2 de julho de 1859, a tão aguardada mensagem de casa. Manuel, evidentemente, recriminava o ato insensato de Tonico. Mas cada linha da carta de resposta gritava a imensa saudade de que ele já estava possuído. No final, dizia: "Que Deus te abençoe, meu filho, e te conduza próspero, avante pelo árduo caminho da glória. Trabalha e sê feliz". Ia mais longe um pouco.

Além da bênção e da grande manifestação de afeto que manifestava, concedia-lhe uma mesada de 30 mil réis.

Dois anos após, ele próprio acabaria se deslocando até o Rio de Janeiro para assistir, de 4 a 7 de setembro de 1861, à estréia da primeira ópera do filho, "A Noite no Castelo", dedicada a D. Pedro II e apresentada no Teatro Lírico Provisório. Manuel, emocionadíssimo, entendeu então completamente que Tonico estava certo ao resolver aventurar-se na capital intelectual e política do País. O imperador e a imperatriz aplaudiram de pé, demoradamente, a execução da composição. E em sua proverbial generosidade, o monarca resolveu premiar o inegável talento do moço, para que isso lhe servisse de estímulo. Concedeu a Antonio Carlos Gomes o Hábito de Cavalheiro da Ordem da Rosa, nomeando o seu genitor como Mestre da Capela Imperial.

Juvenal Fernandes, falando da reação dos intelectuais à ópera, menciona uma crítica favorável do "Jornal do Comércio", que diz: "Dois são os méritos principais dessa composição: um é a expressão maravilhosa que envolve as passagens constantes de uma harmonia a outra; o segundo é a incontestável originalidade da música tão difícil de se conseguir nestes nossos tempos de imitação e de plágio". O livreto de "A Noite no Castelo" foi escrito por Antonio José Fernandes dos Reis, baseado no poema de Delfine Gay, de igual nome, traduzido por Antonio Feliciano de Castilho.

Apenas dois anos depois, viria uma nova ópera do genial Tonico, que seria a chave para abrir de vez todas as portas do sucesso ao compositor campineiro. Foi "Joana de Flandres", que ele concluiu em 15 de setembro de 1863. Graças a este último trabalho, conseguiu do imperador uma viagem à Europa, para aperfeiçoar seus estudos. Houve, entre os monarcas, até uma certa controvérsia sobre qual o país para o qual Antonio Carlos Gomes deveria ir. D. Pedro II preferia que fosse a Alemanha, que detinha vasta tradição na música erudita. Entretanto, prevaleceu a opinião da imperatriz, que achava que a Itália, por ter uma ópera mais desenvolvida, traria maiores benefícios ao compositor. Como a verba para isso iria depender dos políticos e eles poderiam demorar muito tempo até aprovarem a sua concessão, o imperador decidiu dar uma mesada de seu próprio bolso ao jovem campineiro, de 150 mil réis mensais. Esse gesto de grandeza iria marcar para sempre Carlos Gomes, que jamais deixaria de externar sua gratidão a D. Pedro II.